

---

JAZZ

9 JUNHO '08

TWINES OF  
COLESION

MICHAËL

ATTIAS QUINTET

---

CICLO ISTO É JAZZ ?

Comissário Pedro Costa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

*Culturgest*



SEGUNDA 9 JUNHO 2008 · PEQUENO AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Saxofone alto Michaël Attias  
Saxofones tenor e soprano Tony Malaby  
Piano Russ Lossing  
Contrabaixo John Hebert  
Bateria Satoshi Takeishi

---

## Cidadão do mundo

---

Se um dos valores maiores do direito internacional é a livre-circulação, o nomadismo do jazz é uma das suas formas mais evidentes nos dias que correm. As vias rodoviárias, ferroviárias e aéreas estabelecem a rede nervosa desta realidade musical que se faz de partidas e chegadas, raramente de fixações. Músico que pára, que fica no mesmo lugar, é músico que “sai de cena” e desaparece. Com o gradual abaixamento dos preços dos transportes, nunca como nos últimos anos a música esteve tanto “em trânsito” e nunca como agora viveu ao limite a efemeridade da passagem pelos lugares e pelas pessoas que os habitam. Nota-se isso, inclusive, nas constantes mudanças de elementos numa mesma formação musical e nos encontros de músicos de várias nacionalidades, em muitos casos irrepetíveis. A verdade é que se trata de uma velha aspiração artística e foi isto o que imaginou a Internacional Situacionista (IS)

quando, nas décadas de 1950 e 60, valorizou a ideia de fluxo como um modo de libertar o caos do quotidiano. O fluxo cria ruído, dissonância e contradição, magnifica a diferença, multiplica a experiência humana e convida à interação colectiva, sendo estes, precisamente, os princípios do jazz avançado deste início de século.

Recorda o ensaísta e artista sonoro Brandon LaBelle em *Site of Sound: of Architecture and the Ear*: “A IS aspirou (...) a um design urbano estruturalmente permeável, determinado e formado pelo colectivo”, de acordo com “a agitada fluidez da rua” e tendo em vista uma “vivência criativa” e “espontânea”. De resto, no seu entender tal corresponde à própria natureza dos sons combinados em música: “O Som é inerente e inerovavelmente relacional: emana, propaga-se, comunica, vibra, agita; deixa um corpo para entrar em outros; liga-se e desordena-se, harmoniza e traumatiza; move os corpos, provoca o sonho, oscila o ar. Escapa a qualquer tentativa de definição, mas ao mesmo tempo provoca um efeito profundo. O Som ensina-nos (...) que o espaço é mais do que a sua aparente materialidade, que o conhecimento é festivo, tão vivo quanto um coro, e que produzir

e perceberem sons é envolvemo-nos em conexões que tornam o privado intensamente público.”

Não foi por acaso que os situacionistas se preocuparam com a arquitectura e com os espaços públicos, nem o é que o músico Brandon LaBelle se detenha nestes para desenvolver as suas considerações. Os trovadores nómadas que são os improvisadores da actualidade vêem os edifícios que encontram nos seus percursos pelo mundo como infra-estruturas transitórias de resguardo e trabalho. Deles têm um olhar necessariamente distinto daqueles que, com existências sedentárias, convivem ao longo da vida com os mesmos imóveis. Se a migração constante, como sublinhou Yona Friedman, é uma das mais importantes utopias da história da humanidade, os músicos migrantes encaram os centros urbanos por onde passam como se fossem os antigos khans/caravançerais do Oriente, cidades-hotel dinâmicas e em metamorfose contínua – o mais não seja porque o seu mapa mental é feito de auditórios, estúdios, hotéis e restaurantes, sempre iguais e sempre diferentes.

Friedman sublinha, até, em *Utopias Realizáveis*, que para todos os efeitos a mobilidade é o esqueleto do sistema

social e que a migração é uma garantia de liberdade. E quando os músicos de que falamos vêm de famílias elas próprias com historiais de mudança por várias geografias – algo que cada vez é mais habitual quando já não se morre no mesmo sítio onde se nasceu –, esse sentido de impermanência ainda está mais interiorizado. É o caso do saxofonista Michaël Attias: natural da cidade portuguesa e universitária de Haifa, a Norte de Israel, com pais marroquinos de minoria judaica, passou a infância em Paris e a adolescência no Midwestern americano, residindo agora em Nova Iorque, metrópole cosmopolita por excelência, tanto assim que o mais vulgar é os seus taxistas usarem turbante e longas barbas, falando Inglês com forte sotaque.

O cosmopolitismo social da Big Apple dos nossos dias começou por ser cultural. Não nos esqueçamos que foi na década de 1940 que, fugindo ao nazismo e ao palco de guerra europeu, aí aterrou ou aportou um grande número de artistas e intelectuais, como Breton, Schoenberg, Mondrian, Duchamp, Ernst, Dalí, Lang, Brecht, Murnau, Gropius, Bartok, Stravinsky, Marcuse e Adorno, entre muitos outros. Foram certamente viajantes por necessidade, que não por escolha, mas com essa “invasão” fizeram

com que a cidade se tornasse “um lugar de exílio e de transplante, de circulações e de confrontações”, como notou Guy Scarpetta. Um outro pensador ilustre, Paul Virilio, escreveu sobre o fenómeno como segue: “Em Nova Iorque, o espaço explode, multiplica-se, ramifica-se, aprofunda-se, desloca-se, (...) os sons turbilhonam, precipitam-se numa estranha embriaguês, cada percepção inventa o seu tempo, o seu ritmo, transitório, móvel, *in progress*.” Vive-se desde então o “direito de partir”, aquele precisamente que Baudelaire advogou que fosse acrescentado à lista dos Direitos do Homem.

É certo que o mesmo Virilio considerou que tais circunstâncias fizeram com que surgisse tanto do outro lado do Atlântico como deste, quando existem semelhantes factores de miscigenação, uma generalizada inércia física, uma “involução comportamental negativa”, como que uma reacção ao facto de tudo em volta se “mexer”, conduzindo ao advento do “homem sentado”, ou pior ainda, do “homem deitado”, obeso e estúpido. A errância dos músicos de jazz contrapôs-se, no entanto, a este novo territorialismo e é repetida em todos os pontos cardeais. Paragem cada vez mais habitual das digressões musicais que percorrem o planeta, também

Lisboa se tornou num eixo “de enxertos, de transplantações, de embates, de diásporas”, também em Lisboa se é “levado incessantemente a atravessar, a transpor, a traduzir, a passar de um sítio para o outro, de um grupo para o outro”, utilizando ainda palavras de Scarpetta.

As cidades deste arranque de século são labirintos acentrados, já não os labirintos multicursivos com centro definido, mas erigidas na perspectiva de delas se poder sair. Cada placa municipal aponta para fora. Afinal, o labirinto é uma “máquina de produzir desordem”, um “acelerador de incoerência”, para citar Lima de Freitas. Somos nós próprios que construímos os nossos centros particulares, consciente ou inconscientemente desenhados na intercepção do plano labiríntico e da vertical do *axis mundi*, assim englobando “o superior e o inferior, o céu e o inferno, a luz e a sombra, pressupondo a assimpótica anulação dos opostos”. Por algum motivo as urbes deixaram há muito de ter centros para terem baixas...

Na deriva contemporânea, reinventam-se heranças, toma-se o que convém e o que é mais oportuno, recusam-se arcaísmos e normas sacralizadas, está-se entre o universal e o pessoal, evitam-se

pertenças ou alinhamentos exclusivos. O cosmopolitismo passa “pela deflagração e pela mistura dos significantes, pelo estilhaçar das ordens simbólicas” (Scarpetta). Cidadão do mundo, natural será que a música de Michaël Attias reflecta a variedade cultural das suas origens e o seu trajecto pessoal por várias nações. Judeu no Islão, “árabe” na pátria sionista, imigrante do Médio Oriente na Europa, europeu de pele escura nos Estados Unidos da América, norte-americano nos continentes onde se desloca para tocar, não surpreende que tenha abraçado o jazz, a mais universalista das músicas que se conhecem, ela própria resultado de osmose intercivilizacionais.

A adopção da linguagem jazzística por parte de Attias podia assemelhar-se à de um alemão, por exemplo, que acha por bem tocar ragas indianas num par de tablas, isto é, podia ter decorrido da vontade de mergulhar num corpo de referências que lhe era totalmente estranho, mas o certo é que o jazz que pratica tem a carga da sua ancestralidade e procura assumidamente pontos de identificação. Ele mesmo o afirmou: “Quando ouvi pela primeira vez *Lonely Woman*, de Ornette Coleman, muitas coisas começaram a fazer sentido para

mim. Parecia a música que escutava quando era criança. Soou-me ao Norte de África. Charlie Haden podia utilizar um oud e não um contrabaixo. Fez-me lembrar o meu avô a cantar na sinagoga.”

Apesar de a música que propõe no projecto *Twines of Colesion* (título de um romance que escreveu aos 18 anos de idade mas depois destruiu, por considerar que não tinha qualidade – aliás, “colesion” é um erro ortográfico) ou em outros paralelos (Renku, Clinamen...) resultar em elevado grau dessas confluências, sempre fez questão de tocar de maneiras distintas consoante as circunstâncias, tomando o eclétismo como um programa. E isto “por mais perigoso que possa ser, dado estar a privar-me de um abrigo certo e deixar-me ir”. Já Bruce Chatwin, o mais curioso dos escritores de viagem, referira que “sem mudança, os nossos cérebros e corpos deterioram-se”. Eclético, cosmopolita, nómada, Michaël Attias representa da melhor maneira o presente tempo de derivas e circulações, vivendo na prática a velha ambição situacionista...

RUI EDUARDO PAES  
crítico de música, ensaísta,  
editor da revista *jazz.pt*



Fotografia: Scott Friedlander

---

## Michaël Attias

---

Nascido em Israel de pais marroquinos, com a infância passada em Paris e a adolescência no Midwestern americano, Attias é bem o exemplo do músico cosmopolita com actividade em Nova Iorque. Estudou com Lee Konitz mas também frequentou a escola de Alan Silva, colaborou com saxofonistas de ponta como Anthony Braxton, Oliver Lake, Ellery Eskelin e Marty Ehrlich, e teve já o acompanhamento de figuras de primeiro plano na causa do jazz com *drive* poderoso como Marc Ribot, Anthony Coleman, Marc Helias, Paul Motian, Tom Rainey e Han Bennink, entre muitos outros. Músico sempre em conflito com os estereótipos, chegou a gravar um disco de homenagem a Thelonious Monk que dispensou o piano.

---

## Tony Malaby

---

Saxofonista de charneira na cena nova-iorquina, Malaby é um músico de muitas aventuras colectivas: ouvimo-lo na Liberation Music Orchestra de Charlie Haden, na Electric Bebop Band de Paul Motian, nos Open Loose de Mark Helias, no Walt Whitman Project de Fred Hersch e em formações lideradas por Mario Pavone, Bobby Previte, Mark Dresser e Kenny Wheeler, além de ter os seus próprios projectos. Mais do que pela técnica e pela inventividade das suas construções (notáveis ambas), este praticante de Tai Chi é conhecido por saber melhor do que ninguém como tocar num grupo sem se “meter no caminho dos outros”.

---

## Russ Lossing

---

Pianista com uma sólida formação clássica e a história do jazz na ponta dos dedos, Lossing é bem o exemplo de um músico para quem património e construção do novo não são necessariamente antagónicos. Desconstruindo um tema melódico ou intervindo directamente no interior do piano, é capaz do mais enlevado lirismo bem como de se entregar espontaneamente a progressões harmónicas de extrema complexidade. Dave Liebman, Mat Maneri, Mark Dresser e Mike Formanek já buscaram a sua colaboração, o que quer dizer muito sobre as suas raras capacidades. Na linha de Paul Bley, mas com uma voz muito pessoal, a sua natural vocação para o solo não faz dele um músico de grupo menos adaptável às circunstâncias.

---

## John Hebert

---

Um dos mais importantes contrabaixistas da presente cena jazzística de Nova Iorque, Hebert trabalhou durante longos anos com uma luminária do género, Andrew Hill, e se o encontramos ao lado de músicos tão líricos quanto Kenny Wheeler, Lee Konitz, Paul Bley e Dave Liebman, também é presença habitual em combos do jazz mais poderoso que hoje se vai praticando, como os de Greg Osby e Tim Berne, sendo ainda membro da Maria Schneider Orchestra, contexto em que tem de saber ouvir-se. Com uma incrível sensibilidade métrica e um som profundo e redondo, mesmo quando está simplesmente a trabalhar para o colectivo desempenha um papel de relevo fundamental. A solar mostra que o contrabaixo continua a ser um instrumento por explorar, tendo uma palavra a dizer sobre o assunto.

---

## Satoshi Takeishi

---

De origem japonesa, mas radicado nos Estados Unidos, Takeishi tem norteado a sua actividade musical pela curiosidade. Estudou a fundo as rítmicas da música latino-americana e do Médio Oriente, o que resultou em colaborações com Ray Barretto, Carlos “Patato” Valdes e o mestre do oud Joe Zeytoonian, e em paralelo ao seu trabalho como baterista dedica-se à música electrónica, tendo o computador *laptop* como o seu segundo instrumento. O seu currículo dá conta de gravações e concertos com figuras de topo das mais variadas tendências do jazz e seus derivados, como Herbie Mann, Anthony Braxton, Eddie Gomez, Randy Brecker, Rabih Abu Khalil e Erik Friedlander, para só apontar alguns. Com este perfil, qualquer formação com os seus préstimos só pode ter uma pulsação saltitante.

---

# Carlos Bica + Matéria-Prima

---

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

---

Ao longo do meu percurso musical tenho tido a oportunidade de tocar com músicos de diferentes nacionalidades, provenientes das mais diversas escolas e estilos musicais. Independentemente das suas qualidades individuais como instrumentistas o que desde sempre mais me surpreendeu foi a inteligência emocional que diferencia alguns desses músicos. Essa “habilidade” de contar histórias que vivem de emoções através desta matéria-prima que é o som.

Apesar da universalidade que a música possui, poder-se-á falar da existência de um “portuguesismo” na música improvisada feita em Portugal. O actual projecto musical surgiu dessa vontade de fazer nascer um colectivo musical constituído na sua essência por músicos portugueses.

O pianista João Paulo e o guitarrista Mário Delgado são músicos e amigos de longa data cujo currículo dispensa qualquer apresentação e que eu muito admiro pela sua enorme criatividade e honestidade musical.



E como a música não escolhe idades, quis o destino dar-me a oportunidade de conhecer o jovem baterista João Lobo, que é na minha opinião um dos músicos mais talentosos e promissores de uma nova geração de músicos criativos que surgiu nos últimos anos em Portugal.

O convidado especial deste concerto, é o trompetista Matthias Schriefl, um jovem músico que recebeu inúmeros prémios nacionais e internacionais e que é considerado pela crítica especializada “o menino-prodígio do jazz alemão”. Dono de uma técnica e de uma maturidade musical invulgares, Schriefl surpreende qualquer um. O seu mais recente trabalho discográfico com a sua formação Scheefpunk (*Jazz, Punk and sometimes even strings*) é uma boa mostra do seu enorme talento e espírito irreverente.

Música é alegria e tristeza mas também é paz e revolta, a música tem dessas coisas, porque o Agora não tem nome.

CARLOS BICA

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

### PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

### VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

### ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

## ASSESSORES

### DANÇA

Gil Mendo

### TEATRO

Francisco Frazão

### ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

### SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

## EXPOSIÇÕES

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente

### PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

### PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

### MONTAGEM

Fernando Teixeira

### CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Afonso Cabral ESTAGIÁRIO

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

## COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragón ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt